

Paraíba, Rio Bonito: a profundidade das finitudes

Por Livia Mattos¹

A excelência da simplicidade é uma coisa arrebatadora. Como descreveu Alexandre Mate, o espetáculo *Paraíba, Rio Bonito* é de uma "singeleza punjente", que, com força e delicadeza, vai pintando quadros de paisagens, personagens, memórias, lutas e desejos. Cláudio Luiz é o narrador-personagem Itajiba, que nos conduz à história, ao lado da sua simpática burrinha Itororó, que ganha vida na relação afetuosa e dramática que estabelece com ela. Além de personagem, Itororó também ajuda a compor a cenografia. E assim, num palco conciso, com uma cadeira, a burrinha e um mesinha - com água, café, e uma imagem de Nossa Senhora Aparecida - se desenrola a narrativa. E não precisa de mais nada... nada como um bom contador de histórias!

Cláudio consegue nos ganhar já na sua entrada, que estabelece uma continuidade com as imagens de vídeo projetadas, onde e Itajiba e Itororó vão margeando estrada e rio, até fazerem a transição aparecendo em corpo-presente no palco. A luz, mais fechada neles, colaborou para estabelecer uma atmosfera mágica, que junto com a cantiga entoada, convocou o público automaticamente ao acompanhamento das palmas. Essa primeira interlocução já estabeleceu uma relação de cumplicidade e disposição entre palco e público, que foi sustentada

¹ Livia Mattos é circense, acordeonista, cantautora e socióloga. Nascida em Salvador/BA, dedica-se à pesquisa sobre o circo brasileiro - sobretudo no que tange a sua interface com a música - documentando narrativas de circenses veteranos e desenvolvendo trabalhos autorais no campo cênico-musical há 18 anos. Destaca-se, dentro da sua produção criativa, "A Sanfonástica Mulher-Iona", "As trigêmeas", "Mono Amour", "Sanfona aérea", "A Lira da Lona" e o mais novo "Retumbantes" - além do seu álbum "Vinha da ida", lançado pela Natura Musical. Atualmente, é mestrandia em Artes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

durante todo o espetáculo. Apesar de ter sido pensado mais para rua, para ambientes sem a estrutura e o caráter de um teatro, a peça fluiu de forma potente nessa adaptação, funcionando para as duas possibilidades.

Dando voz ao Rio Paraíba do Sul, que não pode falar, o espetáculo se posiciona como um manifesto poético, em defesa dos rios e de uma relação sustentável com a natureza, apontando de forma didática como o homem destrói a si mesmo, na medida que se aparta da natureza e age como se ela fosse um meio inesgotável de recursos. A finitude é colocada como sinal de alerta, direcionada sobretudo ao público dos "mais novos", que deve ter o compromisso em alterar essa lógica. Mas a forma de abordar tudo isso é com poesia! A narrativa vai pintando um quadro identitário, da influência do rio e da natureza no viver das pessoas, apresentando personagens e costumes dos ribeirinhos, que ficaram pelo caminho das lembranças. Cláudio ilustra essa história no poder da palavra e dos gestos, deixando margem larga para o público imaginar - criar suas próprias imagens - inclusive a partir de suas memórias.

O rio é apresentado como personagem, em que a cabeça é o olho d'água e o corpo o seu curso. Ao falar do e pelo Rio Paraíba, desse personagem, o contador discursa sobre todas as águas e seus afluentes - fala sobre a vida. Com a magia da contação, a peça consegue transmitir conhecimentos com nitidez, bem como consegue apontar caminhos de transformação, sem perder o prumo poético da palavra. Fiquei encantada com a atmosfera estabelecida. Que esse trabalho possa margear muitas estradas e rios, reverberando Brasil adentro, nesses tempos arquitetados politicamente para destruição irresponsável.